

SOMBRA VERDE / 1954

um filme de **Roberto Gavaldón**

Realização: Roberto Gavaldón / **Assistente de Realização:** Alfonso Corona Blake / **Argumento:** Luis Alcoriza, Rafael García Travesi, Roberto Gavaldón, José Revueltas, Ramiro Torres Septién / **Direção de Fotografia:** Alex Phillips / **Montagem:** Gloria Schoemann / **Designer de Produção:** Manuel Fontanals / **Cenários:** Pablo Galván / **Maquilhagem:** Esperanza Gómez, Armando Meyer / **Adereços:** Abel Contreras / **Som:** James L. Fields, Jesús González Gancy, Galdino R. Samperio / **Compositor:** Antonio Díaz Conde / **Interpretação:** Ricardo Montalban, Victor Parra, Jorge Martínez de Hoyos, Miguel Inclán, Jaime Fernández, Roberto G. Rivera, Enriqueta Reza, Ana María Villasenõr, Ariadne Welter, Armando Arriola, José Chávez, Julio Daneri, José Luis Fernández, Francisco Jambrina, Inés Murillo.

Produção: Producciones Calderón S.A. / **Produtores:** Guillermo Calderón, Pedro A. Calderón / **Produção Executiva:** José Alcalde, Luis García de León / **Cópia:** Digital, preto e branco, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Já tremia a “Época de Ouro” do cinema mexicano quando Ricardo Montalbán foi convidado a saltar fora das piscinas de Esther Williams – e de preencher a cota de *sexy latino* nesses *swimming pool musicals* americanos – para filmar no seu país natal – e ser apenas *sexy*. **Sombra Verde** nasceu com ambições de internacionalização, sobretudo voltadas para o mercado anglo-saxónico, e chegou a considerar-se uma versão em inglês durante a produção. A ideia era aproveitar um ator já querido pelos públicos de ambos os países – Montalbán tinha deixado o México nos anos 40 ao abrigo da Good Neighbor Policy de Roosevelt, tornando-se estrela da MGM – para conferir ao filme apelo além-fronteiras e credibilidade junto do público internacional. Ao mesmo tempo, o regresso do ator permitia um certo prestígio simbólico: um ícone mexicano, formado na indústria de Hollywood, regressava para contribuir com a produção nacional numa fase em que o cinema local procurava novas formas de se reinventar...

Mas o tremor já fazia ruir a estrutura, e as tensões entre a produção e os órgãos estatais responsáveis pelo financiamento – e pela censura – impediram que se concretizasse a tão ambicionada versão inglesa - entre outros cortes sintomáticos de uma indústria em queda. O ator, saído da piscina de Hollywood para nadar em águas mais profundas – no que se pretendia uma produção de “alta qualidade artística”, para citar artigos de época – ficou assim só com água pela cintura, na qual, de forma a não gerar desanimo, se juntou Ariadne Welter, no papel de (não tão) ingénua “selvagem”, para uma espécie de concurso “Miss t-shirt molhada” - e aqui estou a ser mais literal do que figurativo - mas a isso já lá vamos.

Sombra Verde, baseada no romance homónimo de Ramiro Torres Septién, abre com Federico, fiel representante do homem moderno e racional, enviado para Veracruz por uma empresa farmacêutica para investigar as raízes de uma planta usada na produção de cortisona. Chega à selva cheio de confiança de que ali está para subjugar a natureza às suas vontades, mas cedo o filme o coloca no lugar. Logo na primeira parte – talvez a mais interessante – o ajudante com quem anda sempre às turras é mordido por uma cobra e morre - apesar de todos os esforços de Federico para lhe sugar o veneno e improvisar um torniquete. O momento abre lugar ao melodrama que dita o clima do resto do filme, não apenas por ser um episódio trágico de representação exagerada, mas por se tratar de uma lição brutal de impotência. A partir daí, este nosso “herói” já não é o homem que veio domar a natureza, mas alguém que, sozinho, é obrigado a negociar a sua própria sobrevivência dentro dela.

É nesse cenário de vulnerabilidade que surge Yáscara (Ariadne Welter), princesa dessa pequena comunidade que habita a vila remota de Paraíso, quebrando o isolamento de Federico e deslocando o centro da narrativa: da luta contra a selva para o confronto com o desejo, que faz do corpo dela um prolongamento da própria floresta — oferecendo a Federico o equivalente à mistura de promessa e ameaça que o levou ali.

Ao contrário do cinema hollywoodiano, onde o erotismo era constantemente mediado e censurado por códigos morais formais – Hayes -, o filme de Gavaldón aproveita o contexto específico do cinema mexicano, onde existia uma maior liberdade para explorar estes temas de forma mais explícita - devido ao facto de, neste país mais a sul, a censura se preocupar maioritariamente com a salvaguarda das instituições, como se vê por exemplo no facto de **Rosa Blanca**, que nada tem de devaneios sexuais, ter sido censurado – para nos mostrar cenas ousadas para o cinema da época como aquela *make out session* no mar que não é apenas um momento de glamour ou apelo visual, simboliza a catarse da tensão sexual acumulada entre ambos que marca a cedência da racionalidade perante a natureza. Mas, por mais que este tente, a partir disto, projetar uma imagem “moderna” do cinema mexicano – a que se somam as já faladas questões do elenco internacional, da ambição de circulação além-fronteiras, e a sua mise-en-scène sugere uma sofisticação técnica ao nível dos filmes dos melhores estúdios da época – este mantém convenções que já soam datadas: o erotismo tropical, a figura da mulher “selvagem” e a oposição entre civilização e barbárie que persistem como fórmulas narrativas. O filme oscila, assim, entre uma tentativa de renovar a identidade cinematográfica nacional e a necessidade de recorrer a clichês – e corpos - que atraíam o público - uma oscilação que revela tanto a ambição quanto as limitações estruturais do cinema mexicano da época.

Tiago Leonardo